

3/5/80 30

A CRÔNICA de Rubem Braga

WE HAVE BANANAS

LI ESSE telegrama em um só jornal, mas êle merece fé porque é de uma agência insuspeita: o Sr. Thomas E. Sunderland declarou em Boston que a United Fruit Company deve vender ou arrendar as terras que possui na América Latina, para entregá-las aos nacionais dos respectivos países. Disse: "Os tempos estão mudados na América Latina, e nós também devemos mudar" e adiantou que é natural e explicável o desejo dos nacionais desses países de possuir suas próprias terras e plantações para vender o seu produto no mercado internacional.

Essa opinião não teria muita importância se o Sr. Thomas E. Sunderland fôsse algum líder sindical ou político extremista; mas acontece que o Sr. Thomas E. Sunderland é, apenas, o presidente da United Fruit Company. Suas palavras anunciam uma nova orientação de sua empresa.

Ninguém ignora que a United Fruit influencia ou controla, através de suas plantações e de sua organização de comércio e crédito, a economia de vários países da América Latina, principalmente da América Central. Há, em língua espanhola, uma frondosa literatura sobre essas "repúblicas de banana" cuja economia e cuja política, dominadas pela "Frutera", conheceram mais de uma vez a intervenção mascarada ou direta do Governo de Washington "para proteger interesses de cidadãos americanos", isto é, da United Fruit.

Em minha rápida experiência como adido comercial do Brasil no Chile, tive oportunidade de tomar conhecimento da força e do cuidado com que a United Fruit toma conta dos mercados que monopoliza. Um comerciante teve a idéia de levar a banana paulista aos portos chilenos, enfrentando os inconvenientes da longa volta marítima e do frio do estreito de Magalhães, que exige uma proteção especial às frutas. Quando a primeira partida de banana brasileira chegou, a United Fruit baixou espetacularmente o preço de seu produto, vindo do Equador, e comunicou a todos os revendedores de bananas que, se aceitassem o produto brasileiro, não poderiam mais contar com o fornecimento normal. O importador de nosso produto teve de vendê-lo em plena rua, para salvar o prejuízo — e, como é natural, não insistiu no negócio. O Chile não produz bananas e tem de importá-las para alimentação de suas crianças: terá de pagar sempre o preço que a United Fruit fizer...

A grande empresa vai agora adaptar seus negócios, para melhor defendê-los, às "mudanças" que nota na América Latina. As desapropriações (parciais) que acaba de sofrer em suas propriedades em Cuba devem tê-la ajudado a compreender essas modificações da mentalidade latino-americana; e em vez de apelar para os marines, apela para a inteligência, e se dispõe a liquidar suas plantations — forma, já hoje, excessivamente primária de dominação econômica. É um sinal dos tempos.

72